

Longevidade em tempos de crise climática

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa

**Não podemos
terceirizar à tecnologia
a responsabilidade
que é humana.**

DICA DE SAÚDE

Sabrina Aparecida

**Novembro Azul:
Download da cartilha
do INCA sobre câncer
de próstata.**

COLUNA

Priscila Pascarelli & Eliz Taddei

**Impactos das
mudanças climáticas
nas Instituições de
Longa Permanência.**

ÍNDICE DE NAVEGAÇÃO



Toque ou clique sobre a seção desejada para ir direto ao conteúdo.

Capa

Gerada com auxílio de IA, a imagem apresenta uma paisagem vista de cima, onde uma estrada sinuosa divide lados de um mesmo mundo. De um lado, a vida pulsa: árvores em tons dourados e esverdeados abraçam um pequeno rio, vibrante e em movimento. Do outro lado, o terreno escurecido e árido parece silencioso e imóvel. A curva da estrada funciona como um limite simbólico entre vitalidade e monotonia, entre fluxo e estagnação.

O conceito por trás da obra sugere que o caminho que escolhemos — literal ou metaforicamente — determina nossa relação com o ambiente e com a própria vida. Cada curva pode nos aproximar da natureza, do frescor e da renovação, ou nos levar a um espaço de desgaste e distanciamento. É uma reflexão visual sobre escolhas, equilíbrio e a delicada fronteira entre preservar e destruir.

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa

Não podemos terceirizar à tecnologia a responsabilidade que é humana.

MATÉRIA DE CAPA

Sabrina Aparecida

Longevidade em tempos de crise climática.

DICA DE SAÚDE

Sabrina Aparecida

Novembro Azul: Download da cartilha do INCA sobre câncer de próstata.

COLUNA

Priscila Pascarelli & Eliz Taddei

Impactos das mudanças climáticas nas ILPI.

RECOMENDAÇÃO

Sabrina Aparecida

Documentário: Clima de Risco.

EDITORIAL



Caio Carraro
EDITOR-CHEFE



Não podemos terceirizar à tecnologia a responsabilidade que é humana.

Vivemos uma era de avanços exponenciais. A inteligência artificial decodifica padrões complexos em segundos, a medicina alcança níveis antes inimagináveis, a produção de alimentos se industrializa para alimentar milhões, a mobilidade conecta cidades com eficiência e o entretenimento nos envolve sem esforço. A promessa inicial dessas invenções sempre foi a mesma: tornar a vida mais fácil, confortável e mais livre. Em muitos sentidos, cumprimos essa promessa.

Mas, à medida que essas soluções se multiplicam, algo silencioso acontece: nos afastamos daquilo que somos. A relação com a natureza vai se tornando difusa (ou confusa), quase abstrata. Não por ignorância, mas porque a modernidade cria a sensação de que a vida pode funcionar desconectada dela, como se a tecnologia fosse capaz de substituir a terra, a água, o clima, a diversidade que nos sustentam e, sobretudo, a nossa longevidade.

Debatemos temas como preservação ambiental, povos originários e sustentabilidade, mas o discurso parece cada vez mais se afastar da prática, vira instrumento político, além de minimizar as urgências climáticas por interesses escusos.

O paradoxo é evidente: temos tecnologia de sobra para resolver grande parte desses problemas, mas usamos pouco, ou quase nada, para fazê-lo. Porque resolver dá trabalho, mexe em interesses, confronta modelos econômicos e exige uma visão que transcende o lucro imediato. E é aqui que surge a desconexão: quando a inovação deixa de servir à vida e passa a servi-la como acessório, anestesiemos nosso senso de pertencimento.

Retomar essa conexão não significa rejeitar a tecnologia. Trata-se de lembrar que a natureza não é uma paisagem: é o sistema que permite a nossa existência e a consciência do tempo que temos.

O desafio deste século não é escolher entre natureza e inovação, mas equilibrá-las. Sem natureza, nada floresce. Sem criatividade humana, nada evolui. E sem consciência, tudo se perde — mesmo quando parece avançar.

Boa leitura! ■

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática

As mudanças climáticas já deixaram de ser assunto distante. Hoje, elas atravessam o nosso dia a dia, e você provavelmente sente isso na pele. Acordamos com um calor abafado, enfrentamos tempestades repentinas no meio da tarde e, quando a noite chega, a temperatura despenca como se fosse outra estação.

Entre esses contrastes, convivemos ainda com fumaça de queimadas, poluição persistente, longos períodos de estiagem e enchentes que se formam quase sem aviso. O clima tornou-se mais instável, e nós estamos vivendo dentro dessa nova configuração ambiental. Mas, ao falar sobre esta transformação, quase sempre deixamos uma peça fundamental de fora: o envelhecimento.

Cidades que envelhecem precisam ser cidades que acolhem

Se estamos vivendo mais do que gerações anteriores, precisamos entender como um clima cada vez mais extremo impacta o corpo, a mente e o bem-estar de quem envelhece. Em um Brasil que se aproxima rapidamente de ter mais pessoas idosas do que jovens, essa reflexão deixa de ser tendência e se torna urgência.

Afinal, longevidade também significa contar com espaços que ofereçam segurança, conforto e condições adequadas para sobrevivência humana. É justamente aí que percebemos como o ambiente ao nosso redor pode facilitar, ou dificultar, uma experiência de envelhecimento saudável e digna.

Bairros com pouco verde se transformam em verdadeiras “ilhas de calor”: o ar fica mais denso, o conforto térmico desaparece e até uma volta rápida na rua parece exigir esforço extra. Nas **periferias**, onde as desigualdades sociais já moldam o cotidiano, esses efeitos se ampliam. Enchentes e deslizamentos desorganizam rotinas, atrasam quem depende do transporte público, danificam casas e expõem famílias inteiras a riscos evitáveis.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática



Mãe carregando o filho para a escola em meio ao esgoto a céu aberto.
Imagem: Divulgação - Elisângela Leite

Quando olhamos para o que tem acontecido ao redor do mundo, percebemos que as mudanças climáticas e a questão da sustentabilidade não são problemas isolados do nosso país. Basta lembrar das ondas de calor extremo que atingiram a Europa nos últimos anos e ganharam destaque nos **jornais**. Em algumas cidades de Portugal, por exemplo, a temperatura do solo ultrapassou os 50 °C em junho de 2025, um número alarmante que deixou, especialmente as pessoas idosas, muito mais vulneráveis.

No Brasil, os últimos anos deixaram claro como os eventos climáticos impactam a nossa qualidade de vida. Em 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou enchentes sem precedentes, consideradas o maior desastre climático da história do país, com danos severos para a agricultura, a pesca, a saúde e a rotina de milhares de pessoas. No mesmo período, a região amazônica viveu uma das secas mais intensas já registradas. Até setembro, cerca de 745 mil moradores haviam sido afetados.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática



Idosa cadeirante sendo resgatada na enchente em Porto Alegre.
Imagem: Divulgação - Nelson Almeida/APF via Getty Images

Mas, afinal, por que os eventos climáticos extremos têm se tornado tão frequentes?

O aumento da temperatura do planeta, causado pela alta concentração de gases que retêm calor na atmosfera, desencadeia uma série de mudanças que bagunçam o funcionamento dos ecossistemas e intensificam fenômenos **extremos**.

Embora hoje esse assunto esteja em todos os noticiários, o aquecimento global não é exatamente uma novidade. Desde o século XIX, a ciência já alerta para seus impactos. Povos indígenas e comunidades tradicionais, que observam a natureza de perto há muitas gerações, também percebiam sinais de desequilíbrio e chamavam atenção para o risco de agravamento.

Grande parte desse processo está diretamente relacionada às atividades humanas, sobretudo às emissões de gases de efeito estufa. Indústrias, queimadas e desmatamento aceleram o aquecimento e deixam claro que a crise climática não é um problema do futuro, ela já faz parte da nossa rotina.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática

Quando o meio ambiente adoece: as consequências diretas para a saúde humana

Com o avanço do desmatamento, o ar que respiramos também muda, e nem sempre para melhor. Quando as áreas verdes desaparecem, perdemos uma espécie de “filtro natural” que ajuda a limpar o ambiente. O resultado? Um ar mais pesado, mais quente e mais difícil de respirar, especialmente nas grandes cidades, onde a rotina já é acelerada o suficiente.

E isso não é apenas uma sensação. Um estudo publicado na The Lancet mostrou que a poluição do ar está entre os 14 fatores de risco que podemos modificar ao longo da nossa trajetória para reduzir as chances de demência*. A exposição contínua às partículas finas, quase invisíveis, provoca inflamação, aumenta o estresse oxidativo e pode afetar mecanismos importantes do nosso cérebro.

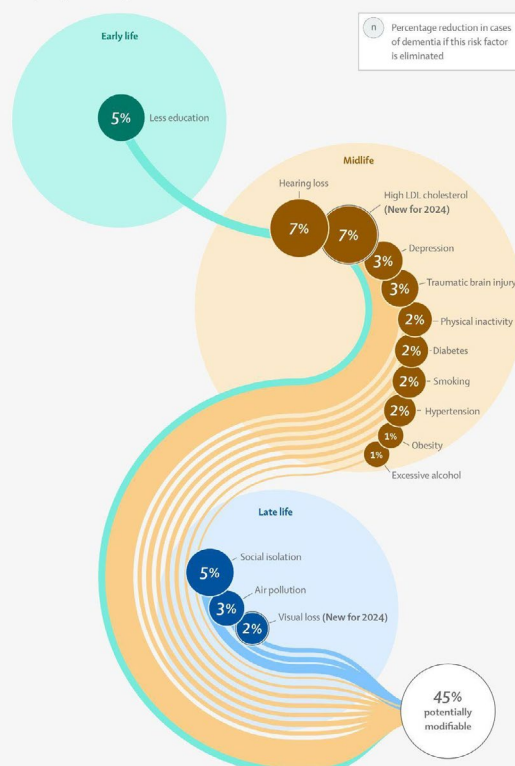
*Demência

LIVINGSTON, Gill et al. Dementia prevention, intervention, and care: 2024 report of the Lancet standing Commission.

The Lancet, v. 404, n. 10452, p. 572-628, 2024.

Infográfico:

Atualização 2024 da Lancet Commission com os 14 fatores de risco modificáveis para demência distribuídos ao longo do ciclo de vida. Ele indica quanto os casos poderiam ser reduzidos se cada fator fosse eliminado. Entre eles estão: baixa escolaridade, perda auditiva, colesterol LDL alto, depressão, sedentarismo, diabetes, tabagismo, hipertensão, obesidade, consumo excessivo de álcool, isolamento social, poluição do ar e perda visual.



MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática

É curioso imaginar como algo que mal enxergamos pode ter tanto impacto. Mas é justamente por isso que cuidar do meio ambiente e preservar o verde ao nosso redor também é uma forma de cuidar da nossa saúde.

Pensando no processo de envelhecimento, esse cenário é especialmente preocupante. Temperaturas extremas e eventos climáticos severos aumentam a incidência de doenças respiratórias, como asma e DPOC, além de agravarem quadros de doenças cardiovasculares, incluindo insuficiência cardíaca e arritmias, que são mais sensíveis ao calor intenso. Também cresce o risco de infecções, como pneumonias, gastroenterites e viroses transmitidas pela água contaminada, além de um aumento expressivo na desidratação, que pode levar a quedas, confusão mental e hospitalizações.

Esses efeitos são ainda mais intensos para pessoas com mobilidade reduzida, que podem ter dificuldade para buscar ambientes mais frescos, acessar serviços de saúde ou se deslocar em situações de emergência, como enchentes e deslizamentos.

Os desastres ambientais também deixam marcas profundas na saúde mental. Após eventos intensos, muitas pessoas relatam ansiedade, estresse agudo e insônia. Em situações mais graves, podem surgir depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Além disso, há um sofrimento crescente relacionado ao próprio estado do planeta, que se manifesta como ecoansiedade (angústia diante do futuro climático) e solastalgia (tristeza pela perda ou transformação negativa do lugar onde se vive).

A pauta global: o que a COP tem a ver com tudo isso?

A Conferência das Partes (COP 30), sediada no Pará, reuniu países de todo o mundo para definir os próximos passos das ações climáticas globais. É nesse espaço que se estabelecem metas, acordos e estratégias para enfrentar um planeta em rápida transformação. Nos últimos anos, o debate dentro da Conferência

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Longevidade em tempos de crise climática

deixou de focar apenas nos impactos ambientais e passou a incluir, com mais força, as consequências das mudanças climáticas para a saúde humana.

Entre os temas discutidos estiveram: redução da poluição do ar; adaptação das cidades ao calor extremo e às chuvas intensas; justiça ambiental para comunidades periféricas; metas de mitigação que considerem a saúde; e incentivo a tecnologias verdes e infraestrutura resiliente.

Em 2025, um marco histórico: o envelhecimento entrou oficialmente na agenda da COP 30. A Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz) teve papel ativo nessa conquista. A instituição apresentou:

- **Um painel inédito sobre envelhecimento, sustentabilidade e demências;**
- **Uma Carta-Manifesto defendendo que o tema seja prioridade na agenda climática;**
- **A representação das pessoas idosas em um dos maiores debates ambientais do mundo. ■**

DICA DE SAÚDE

Saúde



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Novembro Azul: Download da cartilha do INCA sobre câncer de próstata.

Novembro Azul é uma campanha internacional que reforça a importância do cuidado com a saúde do homem, especialmente na prevenção e detecção precoce do câncer de próstata, um dos mais comuns na meia-idade.

O rastreamento inclui dois exames simples: o PSA, feito por coleta de sangue, e o toque retal, que permite avaliar rapidamente a próstata.

A iniciativa também destaca o fator hereditário, orientando que homens com casos na família iniciem o acompanhamento mais cedo.

Em uma perspectiva gerontológica, o movimento valoriza o autocuidado, o monitoramento regular e hábitos de vida saudáveis como pilares para uma trajetória de vida mais segura e ativa.

Para saber mais sobre o assunto, acesse a cartilha “**Câncer de próstata: vamos falar sobre isso?**”, produzida pelo Ministério da Saúde e pelo Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). ■



CLIQUE AQUI E FAÇA O
DOWNLOAD GRATUITO

COLUNA

ILPI



Priscila Pascarelli

GERONTÓLOGA E DIRETORA DE PARCERIAS
TÉCNICO-ESTRATÉGICAS NA TREVOO



Eliz Taddei

CEO E FUNDADORA DA TREVOO



Impactos das mudanças climáticas nas ILPI.

Prezad@ leit@r, olá!

Estamos muito felizes e honradas por integrar este projeto e colaborar neste espaço, compartilhando reflexões, ideias e algumas provocações sobre — e para — o universo das ILPI. Ano após ano, a Trevoo tem se dedicado a apoiar e fortalecer este segmento, que cresce de forma exponencial.

Este espaço é, sem dúvida, primordial para dialogarmos sobre temas essenciais para as ILPI, com vistas à melhoria de processos e a disseminação de boas práticas.

Inauguraremos nossa coluna com uma pauta absolutamente urgente e contemporânea: as mudanças climáticas e seus impactos no cuidado a idosos institucionalizados.

Nosso propósito é lançar luz sobre as oportunidades de repensar estruturas, fomentar adaptações e inspirar uma gestão mais sustentável.

Boa leitura!



Priscila Pascarelli

GERONTÓLOGA E DIRETORA DE PARCERIAS
TÉCNICO-ESTRATÉGICAS NA TREVOO



Eliz Taddei

CEO E FUNDADORA DA TREVOO



Impactos das mudanças climáticas nas ILPI.

Como transformar riscos em oportunidades sustentáveis no Ano da COP30

O rápido envelhecimento populacional — reconhecido como uma das megatendências globais do século XXI — avança paralelamente ao agravamento das mudanças climáticas. A convergência desses dois fenômenos, ambos acelerados e irreversíveis, redefine o panorama de riscos socioambientais, pressiona os sistemas de cuidado e exige novos modelos de gestão, governança e adaptação. Trata-se de um duplo imperativo que demanda respostas integradas, capazes de promover sustentabilidade, equidade e resiliência no longo prazo.

A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), em Belém do Pará, coloca o Brasil no centro do debate global sobre transição climática. Nesse cenário, torna-se estratégico — e especialmente oportuno — compreender como os impactos climáticos incidem sobre a operação das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e, principalmente, como podem ser convertidos em vetores de qualificação, inovação e eficiência. Incorporar o envelhecimento populacional como eixo estruturante das políticas climáticas deixa de ser uma escolha: é uma necessidade urgente diante da crescente vulnerabilidade das pessoas idosas.

Os riscos climáticos que incidem sobre ILPI são múltiplos e interdependentes. O calor extremo, por exemplo, afeta de maneira desproporcional as pessoas idosas, cuja capacidade de regulação térmica é naturalmente reduzida.

A presença de condições crônicas — sobretudo respiratórias e cardiovasculares¹ — aumenta ainda mais essa vulnerabilidade, exigindo climatização adequada, monitoramento contínuo e protocolos reforçados de prevenção à hipertermia e à desidratação. Já eventos como enchentes, deslizamentos e quedas prolongadas de energia pressionam a infraestrutura e os fluxos de cuidado, tornando indispensáveis planos de contingência robustos, sistemas de energia de respaldo e estratégias de evacuação adaptadas à mobilidade reduzida.

Referências

¹ Diniz, F. R. (2022).

Ondas de calor e a mortalidade de idosos por doenças respiratórias e cardiovasculares nas capitais dos estados brasileiros: Uma análise no presente (1996-2016) e projeções para o futuro próximo (2030-2050) e futuro distante (2079-2099) em diferentes cenários de mudanças climáticas.

Tese de doutorado (Doutorado em ciências) – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências atmosféricas da Universidade de São Paulo, São Paulo.



Priscila Pascarelli

GERONTÓLOGA E DIRETORA DE PARCERIAS
TÉCNICO-ESTRATÉGICAS NA TREVO



Eliz Taddei

CEO E FUNDADORA DA TREVO



Referências

² Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Relatório de perdas referentes às chuvas e cheias extremas – maio de 2024. Documento técnico com dados sobre municípios afetados, população impactada e danos. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf>. Acessado em novembro de 2025.

³ Dapper, S. N., Spohr, C., & Zanini, R. R. (2016). Poluição do ar como fator de risco para a saúde: uma revisão sistemática no estado de São Paulo. Estudos Avançados, 30(86), 83-97. <https://revistas.usp.br/eav/article/view/115082>

Impactos das mudanças climáticas nas ILPI.

Um exemplo concreto da gravidade desses riscos ocorreu em maio de 2024, quando o Rio Grande do Sul enfrentou chuvas e cheias extremas que colocaram centenas de municípios em situação de emergência. Cerca de 2,4 milhões de pessoas foram afetadas, incluindo populações institucionalizadas e com alto grau de dependência². Diversas ILPI precisaram ser evacuadas, e a ausência de planos de contingência agravou ainda mais a resposta emergencial.

A qualidade da água e do ar — frequentemente deteriorada em cenários de crise climática — também impacta de forma direta a saúde dos residentes, especialmente aqueles com doenças crônicas³. Assim, medidas como purificação do ar, monitoramento ambiental e sistemas de armazenamento hídrico mais resilientes tornam-se componentes essenciais da gestão.

Apesar dos desafios, o Ano da COP30 oferece uma oportunidade singular para reposicionar as ILPI dentro da agenda ESG (Ambiental, Social e Governança). A adoção de tecnologias limpas — como energia fotovoltaica, reuso de água, telhados verdes, bioclimatização e gestão racional de resíduos — reduz custos operacionais, fortalece a autonomia energética e amplia a segurança sanitária. Da mesma forma, relatórios de sustentabilidade, certificações ambientais e políticas internas de ecoeficiência contribuem para uma imagem institucional sólida e responsiva.

No cuidado direto, estratégias de adaptação climática também elevam a qualidade assistencial: rotinas sensíveis à temperatura, protocolos de hidratação inteligente, vigilância epidemiológica guiada por indicadores ambientais e modelos de cuidado “clima-seguro” promovem segurança clínica e reduzem riscos evitáveis.

Pensar uma ILPI resiliente ao clima, especialmente no contexto da COP30, significa ir além da resposta emergencial. Implica adotar uma visão de longo prazo, instituir uma cultura de prevenção e fortalecer a governança orientada por riscos climáticos. Significa ainda articular-se com municípios, defesa civil, universidades e setores da saúde para construir redes de suporte, inovação e financiamento.



Priscila Pascarelli

GERONTÓLOGA E DIRETORA DE PARCERIAS
TÉCNICO-ESTRATÉGICAS NA TREVO



Eliz Taddei

CEO E FUNDADORA DA TREVO



Impactos das mudanças climáticas nas ILPI.

Assim, as mudanças climáticas deixam de representar apenas uma ameaça e passam a ser catalisadoras de transformação. ILPI que antecipam tendências, investem em resiliência e adotam práticas sustentáveis que protegem seus residentes e, ao mesmo tempo, se posicionam como referências de responsabilidade, modernidade e eficiência. No Ano da COP30, o setor tem a oportunidade histórica de liderar a construção de modelos de cuidado ao idoso ambientalmente seguros, socialmente responsáveis e economicamente sustentáveis. ■

RECOMENDAÇÃO

Cinema



Sabrina Aparecida

ESTUDANTE DE GERONTOLOGIA DA USP



Documentário: **Clima de Risco.**

O documentário “Clima de Risco”, lançado pela TV Cultura e apresentado por Gaby Amarantos, revela em 59 minutos como o aquecimento global já transforma o cotidiano em diferentes regiões do Brasil. Entre litorais, interiores, periferias, centros urbanos e territórios florestais, a produção reúne especialistas e moradores que vivenciam enchentes, ondas de calor e fenômenos extremos.

Dirigido por Eduardo Rajabally, o filme combina informação e sensibilidade ao discutir caminhos possíveis para frear as mudanças climáticas, como a descarbonização e o desenvolvimento de tecnologias que reduzam emissões. Uma obra brasileira, impactante e necessária. ■



IMAGEM: DIVULGAÇÃO

Onde assistir:



Youtube

Clique aqui para acessar

Expediente

PUBLICAÇÃO:

iFractal Tecnologia Para Ser Humano

EDITOR-CHEFE E JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Caio Carraro Gomes da Costa - 0091381/SP

CONSELHO EDITORIAL (GERONTOLOGIA):

Ruth Caldeira de Melo

COLUNISTA (GERONTOLOGIA):

Sabrina Aparecida da Silva

CONSELHO EDITORIAL (GESTÃO DE RH):

Flávia Lobo

CONSELHO EDITORIAL (TECNOLOGIA):

Felipe Waltrick

COLUNISTA CONVIDADA (ILPI):

Priscila Pascarelli

COLUNISTA CONVIDADA (ILPI):

Eliz Taddei

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN:

Caio Carraro Gomes da Costa

BANCO DE IMAGENS:

FreePik e Divulgação

DISTRIBUIÇÃO:

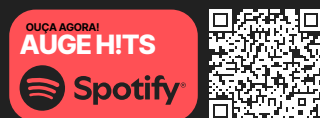
Gratuita

CONTATO:

auge@ifractal.com.br



@auge_ifractal



A newsletter AUGE é uma iniciativa de comunicação da iFractal® Desenvolvimento de Software Ltda., criada com o propósito de estabelecer um canal gratuito de informação, com curadoria especializada em conteúdos intergeracionais de relevância social e interesse público. As entrevistas publicadas são cedidas com exclusividade e divulgadas na íntegra, sem qualquer alteração, edição ou adaptação do texto original, sendo seu conteúdo de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As opiniões expressas não refletem, necessariamente, o posicionamento institucional da newsletter AUGE ou da iFractal®. A distribuição do arquivo digital, em formato PDF, é livre e permitida, desde que o material não seja alterado, manipulado, editado ou utilizado fora de seu contexto original. A reprodução parcial desta publicação é autorizada, desde que a fonte seja devidamente citada e os autores corretamente creditados. É expressamente proibida a comercialização, bem como qualquer forma de distribuição condicionada ou vinculada a contrapartida financeira, seja em meio digital, eletrônico ou impresso. Eventuais menções a marcas, produtos ou empresas têm caráter exclusivamente informativo e não configuram, em hipótese alguma, vínculo comercial, publicitário ou institucional.